LEITOR *VERSUS* AUTOR
Quem é o mestre à luz do Realismo Crítico?

Beatriz de Souza Fidelis[1], José Galúcio Campos[2] e Daniel Richardson de Carvalho Sena[3]

RESUMO

Este estudo tem como objetivo apresentar uma resposta à provocação de Humpty Dumpty sobre a primazia na interpretação de texto, explorando as posturas leitoras e os constituintes pertinentes à hermenêutica: gramática, contexto e atribuição de significado às palavras. Para isso, foi realizada uma revisão bibliográfica extensiva, baseada em fontes teóricas e conceituais. Posteriormente a esta revisão, foi feito um juízo acerca do tema e do objeto analisados. Para tanto, foi avaliado os prós e contras de cada postura leitora e foi proposta uma solução baseada no posicionamento onto-gnosiológico do realismo crítico. Com esse estudo, espera-se contribuir para a discussão sobre a interpretação de textos e sua relevância na literatura.

Palavras-chave: Leitura; Hermenêutica; Realismo Crítico.

1 Especialista em Educação. Professora na Escola Municipal Historiador Mário Ypiranga Monteiro. E-mail: beatriz.fidelis@semed.manaus.am.gov.br.
2 Doutor em Educação em Ciências e Matemática. Professor EBTT – IFAM/CMC. E-mail: jose.campos@ifam.edu.br.
3 Mestre em Ciências Ambientais. Professor EBTT – IFAM/CMC. E-mail: daniel.sena@ifam.edu.br.

READER *VERSUS* AUTHOR
Who is the master in the light of Critical Realism?

ABSTRACT

This study aims to present a response to Humpty Dumpty's provocation about the primacy of text interpretation, exploring reader postures and constituents relevant to hermeneutics: grammar, context and attribution of meaning to words. For this, an extensive bibliographic review was carried out, based on theoretical and conceptual sources. After this review, a judgment was made about the theme and object analyzed. Therefore, the pros and cons of each reading position have been evaluated and a solution based on the onto-gnosiological positioning of critical realism has been proposed. With this study, it is expected to contribute to the discussion on the interpretation of texts and their relevance to the literature.

Keywords: Reading; Hermeneutics; Critical Realism.

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento da leitura de mundo do sujeito inicia antes do seu processo de alfabetização escolar, esse, desenvolve-se em instituições normativas nos primeiros anos do ensino fundamental. Nesse sentido, a leitura é uma complexa e intrincada cadeia de ações que perpassa pelos contextos histórico, social e cultural em que o texto foi escrito, combinado com o conhecimento intelectual e as experiências de vida do leitor no exato momento (tempo histórico) em que lê. É, com efeito, um mecanismo de retroalimentação (BAUER, 2015). É um vai e volta. Um frenesi.

Diante disso, parece razoável pensar que acessar o sentido do texto é algo vário, plural. Sem sombra de dúvida. Admitimos que o entendimento que o leitor faz do texto é algo inesgotável. Mas nem de longe isso significa que o autor não o tenha escrito com uma intenção precisa. Deve haver limites.

Todo sujeito, ao longo da vida, sobretudo na vida acadêmica, deve ter lido sem entender o que leu. Talvez até mesmo leu pensando que capturou corretamente o propósito do autor. Folhetins e textos jornalísticos são pensados para alcançar o maior número de leitores possível, nos quais a linguagem é simples e direta. No entanto, há livros como os acadêmicos, a Bíblia e até mesmo romances mais complexos que são de leitura desafiadora para qualquer um (BOSCOLO, 2021). Porém, como explica Bauer (2015), a leitura adequada, em profundidade, é menos questão de inteligência e erudição do que de treino.

A adequada interpretação de texto é o objeto mesmo da ciência chamada de Hermenêutica (KAISER; SILVA, 2014). No entanto, essa ciência sofreu profundas modificações ao longo da modernidade iluminista e, em especial, agora, com a pós-modernidade (BOSCOLO, 2021;

KAISER; SILVA, 2014; WRIGHT, 2022). De fato, o que as novas escolas hermenêuticas pretendem é anular o projeto iluminista, positivista, por meio de interpretações mais subjetivas, relativistas de cunho fenomenológico (WRIGHT, 2022).

Referindo-se aos papéis ocupados por autor e intérprete, Humpty Dumpty personagem criado por Lewis Carroll no livro "Alice através do Espelho" aborda a problemática em tom de provocação e deboche ao indagar a personagem Alice, protagonista do livro: "Quem é o mestre, afinal?" (KAISER; SILVA, 2014). Logramos com este artigo oferecer uma resposta a tal problema podendo enunciá-lo assim: De quem é a primazia do acesso ao real sentido do texto, é do autor ou é do leitor?

Esse problema sempre ocupou as mentes dos hermeneutas e exegetas (BAUER, 2015; BOSCOLO, 2021; KAISER; SILVA, 2014; WRIGHT, 2022) e cremos poder respondê-lo em aproximação conforme o direcionamento dado pelas seguintes questões norteadoras: (1) O que acontece quando lemos? (2) Quais os elementos convenientes a interpretação de texto? (3) Por que acessar o significado do texto é tarefa tão difícil? (4) Seria possível uma solução conciliadora, sem absolutizar o autor ou o leitor?

Para a elaboração deste artigo, o método de investigação foi triplo. De início, fizemos uma revisão bibliográfica baseada em fontes teóricas e conceituais. Posteriormente, avaliamos os prós e contras dos mais comuns posicionamentos dos leitores; quais sejam: o realista e o fenomenológico. Por fim, os discutimos à luz do realismo crítico sendo uma posição conciliadora entre autor e leitor.

Toda a nossa argumentação será feita da seguinte maneira. Em primeiro lugar apresentaremos a hermenêutica de Schleiermacher. Em segundo lugar, traremos à baila as posturas leitoras mais comuns, na medida em que todas as demais oscilam ao redor delas. Em seguida, avaliaremos os

papéis da gramática, do contexto, da conexão entre ambas, bem como da atribuição leviana de significados às palavras com o caso Humpty Dumpty. Por fim, apresentaremos uma posição que pretende superar as dificuldades advindas das hermenêuticas de até então.

A HERMENÊUTICA

Antes de enfrentar as questões de investigação deitadas *in retro*, convém fazer breves considerações acerca da ciência que direciona este artigo. Não almejamos fazer aprofundamentos. Nesta seção, queremos, tão somente, expor e explicar do que se trata essa tal ciência, declarar suas razões e métodos.

O objetivo desta seção consiste em responder à questão: o que é a hermenêutica?

A hermenêutica se formou a partir do ideal exegético de extrair o real significado de um texto. Começou com os gregos tencionando preservar sua cultura por meio do bom entendimento das obras dos seus poetas. Contudo, essa arte, técnica ou ciência da interpretação correta de texto alcançou grande desenvolvimento com a tradição judaica-cristã por meio da exegese das Sagradas Escrituras (KAISER; SILVA, 2014).

Com o Renascimento três tipos de hermenêutica se fixaram: a hermenêutica *sacra*, a hermenêutica *profana* e, a hermenêutica *juris*. Entretanto, somente com Friedrich D. E. Schleiermacher que ela adquiriu a sistematização teórica e o direcionamento metodológico que lhe faltava (KAISER; SILVA, 2014).

Este artigo se ocupa da hermenêutica *profana* de base filosófica. A razão desta ciência, - como preferimos chamá-la -, consiste em sopesar os

papéis do autor (escritor) e do leitor (intérprete) diante da interpretação de um texto.

Os hermeneutas iluministas presumiam no ato de um diálogo, falado ou escrito, que o entendimento é produzido por si mesmo. Esta é chamada de atitude natural. Como método, a hermenêutica *profana* suspende a atitude natural porque entende o mal-entendido produzindo-se a si mesmo e, portanto, precisa ser evitado com método (SCHLEIERMACHER, 2015). Somente com a suspensão da atitude natural do entendimento é que se desvela a distância entre o autor e o leitor.

Schleiermacher (2015, p. 30-33) ensina que na expressão do pensamento pelo discurso, deve haver um ponto de contato entre escritor (falante) e leitor (ouvinte) porque do contrário não seria possível a hermenêutica entabular o seu trabalho. Em um texto, nem tudo pode ser estranho e, tampouco, nada pode ser estranho. O trabalho da hermenêutica, a sua razão de ser, encerra-se nestes dois pontos, emenda Schleiermacher.

Um princípio basilar da hermenêutica diz que o "todo é seguramente compreendido a partir do particular, também o particular apenas pode ser compreendido a partir do todo (...)" (SCHLEIERMACHER, 2015, p. 47).

Isso pode ser entendido como um alerta. Somente o entendimento linguístico, gramatical, da letra, não é suficiente a correta interpretação. Porém, só com a interpretação gramatical o leitor não supera o entendimento ordinário do texto. Há de se levar em conta o contexto linguístico, o significado histórico, social e cultural da palavra, porque o contexto não prescinde da gramática (BOSCOLO, 2021; KAISER; SILVA, 2014; WRIGHT, 2022). Vemos assim, que há certa circularidade na questão de método.

Schleiermacher (2015) concebe a tarefa hermenêutica assim porque conclui que há relatividade no pensamento. Ora, se o texto (fala) é a exposição do pensamento, então há relatividade no texto. Por isso a circularidade atua

como um mecanismo de retroalimentação.

Outro nome proeminente ao desenvolvimento e estabelecimento da hermenêutica foi Hans-George Gadamer com o livro "Verdade e Método". Diferente de Schleiermacher, Gadamer pôs o acento no intérprete, na subjetividade estabelecendo a postura mais fenomenológica.

DO LEITOR REALISTA AO FENOMENOLÓGICO

Desejamos responder nesta seção a seguinte questão: O que acontece quando lemos?

Como apregoam os manuais de hermenêutica, há várias possibilidades de responder esta pergunta. Aqui, pontuamos as duas mais comuns diametralmente opostas.

De acordo com Wright (2022), as posturas leitoras mais comuns tendem para uma interpretação textual realista (positivista e ingênua) outras para uma interpretação fenomenológica (subjetiva e plural). Ou seja, como leitores, sempre tendemos a concordar com o autor (realista) ou discordar dele (fenomenalista). Do ponto de vista epistemológico, o que temos aqui é a velha contenda objetividade *versus* subjetividade.

Com o intento de operar concretamente sobre o assunto deste artigo, tomemos como exemplo o texto jornalístico e a poesia. É sabido que o texto jornalístico pretende ser uma espécie de óculos colocando o leitor em contato (quase direto) com a realidade. Imagine que o leitor tem diante de si uma reportagem sobre um atropelamento. O texto diz como aconteceu o atropelamento, diz quem foi o motorista e o que será dele perante os artigos da lei.

Supomos, no entanto, que no momento exato do acidente, estivesse um observador A que presenciou todo o acidente, o fato. Na medida em que o

observador A lesse a reportagem, ele poderia ativar a memória e se dar conta de que faltam elementos que qualifiquem o acontecido verdadeiramente.

Nesta circunstância, quando o leitor tem conhecimento mesmo que aproximado, começa a se preocupar com a ingenuidade de crer cegamente e é levado a não concordar com o autor (WRIGHT, 2022). Se discorda em menor grau, tende a pensar que o texto não fala do acontecimento/fato, mas sim, que é um veículo de expressão da opinião do autor. Wright (2022) ressalta que se o leitor discorda em maior grau (ou inteiramente), diz-se que o autor inventou o fato/acontecimento.

Quando temos a postura de leitores estritamente realistas ingênuos, entendemos a notícia como a realidade mesma. Independente da mente do jornalista que a escreveu, - e o atropelamento, como ocorreu, seria independente da mente do observador A. Eis o motivo do adjetivo "ingênuo", pois acredita cegamente no que está escrito, não se ocupando da crítica para a formação de juízo.

Diversamente, quando mantemos uma postura fenomenalista, não consideramos os fatos, pois não há nada fora da mente do jornalista/escritor/observador, há somente a opinião ou a invenção de acontecimentos gerados à luz da subjetividade de quem as escreve (WRIGHT, 2022).

Assim, realistas ingênuos e os fenomenalistas são os extremos e as posturas mais comuns consoante a postura exibida pelos leitores (BOSCOLO, 2021; WRIGHT, 2022).

Por agora, voltemos nossa atenção e ânimo à poesia. Supomos a poesia uma narrativa subjetiva. Como exemplo, citamos a Biografia do Orvalho retirada da obra "Poesias Completas" do escritor mato-grossense Manoel de Barros (BARROS, 2011). Como acentuam Bauer (2015) e Write (2022), não buscamos o real extramental na poesia, na medida que é um texto subjetivo por natureza.

Não precisa ser assim. Não necessariamente. Neste aspecto temos uma opinião diferente dos autores referidos acima.

Acompanhemos a seguinte argumentação.

Conforme o dicionário Bechara (2009, p. 654), o orvalho é a umidade que se deposita em qualquer superfície à noite e pelo amanhecer. Biografia, ainda conforme Bechara (2009, p. 119), é a narrativa de vida de alguém em livros, filmes, peças teatrais, entre outras formas de comunicação. Assim, chegamos à conclusão de que o poema refere-se à escrita (narrativa) do ciclo de vida do orvalho, porque a palavra biografia vem de *bio* (vida) e *grafia* (escrever). Logo, é de se esperar, pelo título, que o poeta se propôs a descrever o ciclo de vida do orvalho.

Mas, orvalho tem vida?

Não. Não tem!

Indo um pouco mais além, concluímos que o poema tem por objeto a inquietação do homem, da pessoa humana, representada pelas várias facetas de personalidade. A necessidade de mudança. A má vontade com o estado presente, o estático, o perene.

Assim, perguntamos.

Ora, mas não é isso um acontecimento/fato comum e objetivo?

Sim, de fato!

Ora, mas que personalidades diversas, cada indivíduo não muda ao longo da vida por circunstâncias diversas, comportando-se de modo diferente em ambientes diferentes?

Sim, idem!

No entanto, com algum esforço, podemos pensar (imaginar) e traçar o seguinte paralelismo. A água tem várias formas. O orvalho é uma delas. Não falamos cientificamente, pois o orvalho não é um estado físico da matéria. É água como se apresenta aos olhos do poeta. Assim como a água, o indivíduo tem suas formas. Suas personalidades. O paralelismo metafórico

é um recurso de uso comum pelos poetas (BAUER, 2015).

Ora, mas se não foi o filósofo pré-socrático Heráclito quem disse não haver permanência, pois somente há mudança? De fato, Heráclito apregoava a realidade do mundo como um constante vir-a-ser. Sempre um devir (COPLESTON, 2021).

Ora, mas se não foi o cantor popular, Raul Seixas, que no verso de sua música disse: "Prefiro ser essa metamorfose ambulante. Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo"? Sim, o finado cantor de fato o disse.

Salvo engano, essa parece ser uma verdade concreta. Acessível pela experiência direta. Após o exposto, cremos ser possível concluir o seguinte: o poema não é simplesmente uma despretensiosa exortação à subjetividade, um texto cujo conteúdo não tem amparo no real, logo, nos fazendo refletir sobre verdades independentes do sujeito. A poesia pode sim ser um texto de reflexão acerca da natureza humana.

Ademais, qualquer manual de psicologia e/ou filosofia assevera essa conclusão (COPLESTON, 2021): a formação da personalidade é um processo longo, e sempre podemos mudar.

Em síntese, em toda leitura, concordamos ou discordamos do autor. Se concordamos, alimentamos uma postura realista ingênua com respeito ao texto. Do contrário, se discordamos, temos um posicionamento fenomenalista. O realista foca no acontecimento. Diversamente, o fenomenalista não vê acontecimento, só considera o visar do autor.

Como ensinam os autores Wright (2022), Kaiser e Silva (2014), e Sayers (2015), às vezes um leitor realista é um mau leitor, pois não entende o assunto do texto e tem grande dificuldade de se conectar com o autor. Ademais, prosseguem os autores, o fenomenalista não pode ser visto como um bom leitor, porque quando a imaginação é grande, deseduca.

A polarização leitora entre uma ou outra postura é desinteligência,

como diria Paulo Honório[4]. Entre ambas, há uma lista grande e variada de posturas leitoras (WRIGHT, 2022) e iríamos longe demais ao discuti-las uma a uma. Entretanto, logo mais, discutiremos uma postura que se pretende conciliadora, qual seja: o realismo crítico.

Mas antes, queremos discutir alguns elementos pertinentes à hermenêutica; quais sejam: contexto, gramática e a mudança do significado das palavras.

A RELAÇÃO AUTOR-LEITOR NA PERSPECTIVA DE HUMPTY DUMPTY

Nesta seção, trazemos à baila uma questão pertinente que se tornou terreno comum nas discussões em ciências humanas; qual seja: o esvaziamento do significado das palavras em prol de atribuir-lhes o significado que o autor quiser. Podemos atribuir às palavras qualquer significado?

No limite da postura fenomenológica, é pressuposto que o significado do texto é dado pelo intérprete, o leitor, nunca pelo autor (WRIGHT, 2022). Nada impede de o intérprete atribuir o significado que quiser ao texto. No entanto, isso não implica que o autor não tenha a intenção de transmitir algo. Toda mensagem tem uma intenção. A intenção de transmitir alguma coisa, passar uma mensagem.

Depois da década de 1970, a hermenêutica, abraçando esta postura mais fenomenológica, passou a negar que o texto tivesse uma intenção (KAISER; SILVA, 2014). É quase como se não existisse o autor. É como se o

4 Paulo Honório é cabra de nariz rombudo, cabelo vermelho, mãos grossas. A nosso ver é um filósofo castigado pelas dificuldades do sertão alagoano. Começou a ganhar a vida sendo guia de cego, depois evoluiu para trabalhador alugado. É o personagem principal do livro São Bernardo de Graciliano Ramos.

ato de escrever não tivesse propósito.

Embora seja um fato a leitura de viés subjetivista, ilustramos as situações por meio de um exemplo advindo da literatura universal, capaz de justificar a necessidade da hermenêutica mais apropriada. O exemplo vem da obra "Alice através do Espelho". Acompanhe o breve diálogo entre os personagens Alice e Humpty Dumpty (CARROLL, 2021).

"Quando uso uma palavra, significa apenas o que escolho que ela signifique, nem mais, nem menos" — disse Humpty Dumpty em tom desdenhoso.

"A questão é: se você pode fazer as palavras significarem tantas coisas diferentes" - retrucou Alice.

Humpty Dumpty finaliza - "A questão é: (...) quem deve ser o mestre, afinal".

Como pudemos ver, Alice se posiciona acerca do uso apropriado das palavras, embora reconheça que as palavras têm vários significados possíveis. Contudo, o significado que compartilham em circunstâncias específicas, e de foro consensual entre todos de uma mesma cultura ou classe social, não pode ser negligenciado em prol do uso arbitrário delas (KAISER; SILVA, 2014).

Ainda piora. Acompanhemos mais à frente.

Humpty Dumpty não se deixando vencer, assevera: "Impenetrabilidade! É isso que eu digo!"

"Você me diria, por favor" - pede Alice - "o que isso significa?"

"O que eu quis dizer por impenetrabilidade é que já falamos demais sobre esse assunto, e seria propício se você mencionasse o que pretende fazer em seguida (...)" — indagou Humpty Dumpty.

Alice assevera cuidadosamente - "Isso é que é fazer uma palavra significar tanto!"

"Quando eu faço uma palavra trabalhar bastante desse modo" - disse Humpty Dumpty - "eu sempre pago um adicional".

Muito confusa, Alice fica sem saber o que dizer. Podemos até imaginar a angústia da Alice em conseguir levar adiante um simples diálogo.

Moral da estória: como levar adiante um diálogo com alguém que distorce, muda o real significado das palavras? Quando me refiro ao real significado, não afirmamos que cada palavra tem somente significado único. Mas há um significado socialmente compartilhado de sorte que as pessoas se fazem entender ao conversar umas com as outras (BAUER, 2015; KAISER; SILVA, 2014).

Pondo de outro modo. Uma mente jamais será capaz de se comunicar com a outra através de um texto, de um livro, de um manual, de um bilhete, entre outras formas de redação/comunicação escrita se cuidarmos das palavras ao modo de Humpty Dumpty.

Conclusão: o significado das palavras não é o "quintal da nossa casa". Embora cada palavra tenha mais de um significado podendo representar mais de um conceito, o intérprete (leitor) e sobretudo o autor devem ficar atentos ao significado consensual da palavra conforme a cultura, o meio social e o tempo histórico, pois do contrário, a linguagem será "terra de ninguém".

A GRAMÁTICA

Gramática, conforme (KAISER; SILVA, 2014), é o entendimento das palavras individuais, dos símbolos que o homem emprega para se fazer entender por meio da escrita. É a transliteração do som, da fala. Alguns autores chamam de entendimento verbal (WRIGHT, 2022). Pedagogicamente, serve

para pôr o intérprete (leitor) em contato com o assunto (tema) subjacente ao texto qual seja o seu gênero.

Seria a compreensão gramatical suficiente à hermenêutica? Esta é a pergunta que responderemos nesta seção.

O estigma da incompreensão gramatical é comum quando há distanciamento cultural e, por vezes linguístico, entre intérprete e autor. Presumimos que uma pessoa ao ler um livro em Inglês, conheça o significado das palavras, i.e, saiba ler em Inglês. Todavia, a incompreensão pode acontecer mesmo quando o intérprete conhece o significado de todas as palavras.

Acompanhe a seguinte frase: "Massa atrai massa a uma razão direta ao produto entre elas, e a uma razão inversa da distância que as separa". O que significa esta frase? O que o autor queria que entendêssemos (soubéssemos) ao lê-la?

Esta é a Lei da Gravitação Universal de Isaac Newton - um gigante da ciência natural. Todas as palavras ali escritas são conhecidas de todo aluno do ensino médio. Por outro lado, o significado da frase, não.

Com este exemplo, fica claro o quanto a compreensão gramatical de *per se* não é suficiente à adequada interpretação de texto. Muito embora, sem ela, jamais interpretaríamos texto algum, por mais simples que fosse.

As palavras "razão direta", "razão indireta" e "produto" são velhas conhecidas, mas ao entendimento da frase, falta ao intérprete do ensino médio o significado conceitual-matemático delas. Sem isso, não há compreensão. O que queremos dizer é que na ausência do significado matemático, o intérprete não vai acessar a intenção de Newton ao escrevê-la.

Um exemplo mais esdrúxulo. "Tenha um bom basquete!"

Mais uma vez, qualquer aluno do ensino médio reconhece todas

estas palavras. O verbo “ter” é velho conhecido, o advérbio “bom”, idem. “Basquete”, por sua vez, é um esporte Olímpico. Automaticamente o aluno é levado a interpretar essa frase como: tenha um ótimo jogo de basquete; jogue o melhor basquete que puder. Ou outras coisas parecidas.

No entanto, não é essa a intenção de um taxista ao dizê-la. Especialmente se o taxista não for norte-americano. Em algumas regiões do Brasil a referida frase significa: “Ótimo trabalho”.

Conclusão: a adequada interpretação de texto não precede ao entendimento gramatical, mas reconhece-a insuficiente. O entendimento gramatical é condição necessária, mas não suficiente para o bom entendimento do texto.

O (CON)TEXTO E A SUA CONEXÃO COM A GRAMÁTICA

O contexto indica a circunstância particular em que o texto foi escrito, mesmo quando a cultura, a classe social e o tempo histórico são iguais entre autor e intérprete (BAUER, 2015). Reconhecer o contexto é um poderoso instrumento para acessar a mente, a intenção do autor. Apesar disso, o contexto carece de investigação, pois não se mostra no texto explicitamente (KAISER; SILVA, 2014).

Exemplo. A segunda lei de Newton assim se escreve: “Força resultante é igual a taxa de variação do momento linear em relação ao tempo” (TAYLOR, 2013, p. 14). Presumindo que essa frase passe pelo crivo de um físico experiente, o seu significado não será um problema. Entretanto, - exceto o físico experiente -, teria como saber se ela se aplica a movimentos com pequenas velocidades e para objetos com massa constante? Ou, teria como saber se essa frase é produto da mente de um Inglês do século XVII?

Teria como saber por que Newton a escreveu assim e não de outro modo?

Não. Não teria. Neste caso, a avaliação do contexto seria de ordem histórica, filosófica e até mesmo metodológica.

Avançando um pouco mais. Observemos o significado da palavra "sicário" conforme a inter-relação entre gramática e contexto. De acordo com o dicionário Bechara (2009, p. 816), o sicário é um assassino profissional. No México, um sicário é um atirador, assassino contratado pelos cartéis de drogas para assassinar os traficantes dos cartéis rivais.

Um mexicano que rouba um banco e mata o gerente acidentalmente seria um assassino? Sim, sem dúvida. Mas nunca um sicário!

Em consulta ao site *wikipedia.org* e a obra de Boscolo (2021), etimologicamente a palavra sicário promana do latim *sicarius* (*sicarii* no plural) que significa "homem da adaga". No primeiro século da era cristã, os sicários eram zelotes [= *zelantes, fanáticos*] judeus enviados (contratados) para matar e expulsar os romanos da Judéia antes da destruição de Jerusalém. Os sicários usavam uma pequena adaga fácil de esconder entre as vestes, a *sica*, de onde provém o nome sicário.

Com o passar do tempo (histórico), sicário passou a ser empregado para o assassino de aluguel, independente da motivação. Hoje, o termo sicário se atribui ao homicida voluntário ou involuntário pertencente a grupos terroristas de cunho fundamentalista (BOSCOLO, 2021).

Com este contexto em mente, um judeu que mata outro judeu seria um assassino, mas não um sicário — não no ano 70 depois de Cristo. Veja como o contexto (histórico e social) e o significado gramatical se combinam enriquecendo a interpretação do texto.

Monteiro Lobato, um dos imortais da literatura brasileira, escreveu uma extensa obra. Àquelas voltadas ao público infanto-juvenil tinham em comum o aspecto pedagógico. Toda obra infantil lobateana tem o objetivo de

ensinar. Mas não ensina de qualquer jeito. Como exemplo, recomendamos a leitura da obra "Serões de Dona Benta", um texto voltado ao ensino de física e química.

O contexto educacional da época de Lobato concretizava-se pelo modelo tradicional de ensino na sua pior acepção. O aluno das décadas de 1930-40 era ensinado pela repetição memorística e pela imitação do que o professor fazia.

À luz da crítica a este modelo educacional, Lobato concebeu a Emília - a boneca de pano - uma personalidade muitíssimo questionadora. Às vezes a Emília dá nos nervos! Pedrinho, por sua vez, Lobato o fez aprender por meio da prática seguindo o seu próprio percurso de aprendizagem.

A Dona Benta, por sinal, representa o modelo ideal de professor defendido por Monteiro Lobato, modelo este inerente ao progressismo educacional norte-americano. No Brasil esta influência americana promoveu o movimento escolanovista (MARTINS, 2022).

Chegamos então à seguinte conclusão: para conhecer a intenção do autor o contexto importa. Mas não é a única via de entendimento.

O REALISMO CRÍTICO COMO A MELHOR HERMENÊUTICA

Se o conhecimento é uma lente, um telescópio ou microscópio, o realista ingênuo não tem contato direto com o acontecimento narrado ao ler um texto, ele o faz por meio de uma lente; o fenomenalista, por seu turno, parece olhar a si mesmo diante de um espelho. No extremo do realismo ingênuo vem a certeza absoluta sobre a realidade do texto. O extremo fenomenalista repousa no solipsismo, pois só existe o eu (WRIGHT, 2022, p. 66).

Nesta seção responderemos à questão: É possível uma posição conciliadora que não se reduza, nem na certeza exacerbada, tampouco no solipsismo? Ou: será possível conciliar a intenção do autor com as percepções do leitor individual?

Respondemos positivamente a esta questão. Esse posicionamento chama-se de realismo crítico (WRIGHT, 2022, p. 63-68).

O realismo crítico, em geral, é um posicionamento de ordem onto-gnosiológica na medida em que reconhece a existência do objeto conhecido, diferenciando-a do conhecedor; mas também reconhece que único acesso ao objeto, o conhecimento, é um mecanismo de retroalimentação entre o conhecedor e o objeto conhecido (WRIGHT, 2022, p. 67).

Isto quer dizer que o realismo crítico admite o caráter provisório de todo e qualquer conhecimento, pois não é possível conhecer a realidade (a coisa ou objeto) em todas as minúcias, daí temos a vertente epistemológica; e ademais, admite que há uma realidade extramental, conhecido e conhecedor são, pois, diversos, daí o aspecto ontológico.

Do ponto de vista leitor-autor, conforme observado pela escritora [Dorothy] Sayers (2015), nos capítulos 2 e 7, ao ler um texto é perfeitamente possível conhecer a mente do autor e determinar sua intenção. Embora seja tarefa difícil, é possível em tese. Mas não é possível conhecer tudo acerca da mente do autor somente pelo texto. Por outro lado, o autor tem uma mensagem a ser transmitida, pois ele quer que reflitamos sobre algo, sobre algum acontecimento, e não somente deseja que o leitor reflita sobre o seu visar particular.

Isso sintetiza muito bem o realismo crítico aplicado à leitura. Wright (2022, p. 101) ensina que a postura leitora que repousa nesta perspectiva onto-gnosiológica considera o leitor como um indivíduo particular e, contemporaneamente, apregoa o texto como uma entidade independente,

não estando a mercê do temperamento e nem do gosto do leitor.

O renomado teólogo diz que é necessário o leitor assumir que há intenção por parte do autor. Contudo, o autor deve aceitar que o texto evoca ecos e possui estruturas que não constavam em sua mente ao escrevê-lo (p. 101).

Com esta hermenêutica em mente, podemos levar em consideração os três estágios globais do processo de leitura: a relação do autor com a realidade que pretende descrever, a relação do autor com o texto e, a relação do leitor com o texto. Consoante aos estágios referidos, três são as afirmações simultâneas cabíveis (BOSCOLO, 2021; KAISER; SILVA, 2014; WRIGHT, 2022):

a. - Todo e qualquer texto oferece ao leitor um ponto de vista particular, tanto quanto nenhuma leitura é neutra;

b. - O texto tem vida própria, tanto quanto o autor tinha uma intenção ao escrevê-lo à qual, em tese, é possível saber alguma coisa;

c. - O objeto do texto (fatos, acontecimentos, ações) inere ao mundo público, tanto quanto é um olhar individual do autor, às vezes até mesmo distorcido.

Wright (2022, p. 104) finaliza observando que com estas três afirmações, cada etapa da atividade leitora torna-se uma conversa, uma retroalimentação, logo não polariza nem autor e nem leitor ao longo de todo o trabalho hermenêutico. É por isto que reivindicamos o realismo crítico como postura mais propensa a acessar o sentido real do texto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos com este artigo responder à provocação de Humpty Dumpty em "Alice através do Espelho' de Lewis Carroll, adaptado ao contexto da leitura: quem é o mestre, afinal? É o intérprete ou o autor?

Conforme a exposição, vimos que a aquisição de conhecimento através da leitura é atividade difícil. Acessar o real sentido do texto é deveras plural, mas possível em tese. Um fator complicador decisivo é a postura inerente ao leitor, que concorda ou discorda do autor em variados graus. Num extremo, o leitor é um realista ingênuo, crê completamente na capacidade do autor de narrar fatos/acontecimentos objetivamente. No outro, crê que não há acontecimentos no mundo público, o texto tão somente representa o olhar particular do autor.

Em adição vimos que a interpretação ortodoxa, na letra, gramatical, importa; mas não pode ser dissociada do contexto em que jaz o autor. Corroborando o espírito de nosso tempo, o relativismo com a supervalorização do leitor e a quase anulação do autor, legitima o esvaziamento das palavras e a atribuição de novos significados a elas resultantes das cores do temperamento do autor (e do intérprete, porque não!). Algo que deve ser evitado para a boa compreensão do texto.

A postura leitora de base onto-gnosiológica chamada de realismo crítico parece ser capaz de superar as dicotomias subjacentes às hermenêuticas que a precederam, admitindo que o texto lida com o que há no mundo público, mas que autor escreve aquilo que lhe parece. Além disso, admite também que cada autor tem uma intenção ao escrever, contudo, não há leitura neutra. Por fim, é possível, ao menos em tese, acessar a mente do autor sem negar que do outro lado tem o leitor com a sua individualidade.

Dessarte o exposto, chegamos a conclusão de que não deve haver um mestre segundo o deboche de Humpty Dumpty. À luz do realismo

crítico, todo o processo de leitura é um diálogo, nunca um monólogo. É um mecanismo de retroalimentação entre autor e leitor, nunca uma tarefa unilateral, por mais erudita que seja.

REFERÊNCIAS

BARROS, M. de. **Poesia Completa**. 1 ed. São Paulo: Leya, 2011. 496 p.

BARROS, M. de. **Memórias Inventadas**. 1 ed. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2018. 104 p.

BAUER, S. W. **Como Educar sua Mente:** o guia para ler e entender os grandes autores. 1 ed. São Paulo: É Realizações, 2015. 528 p.

BECHARA, E. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2009. 957 p.

BOSCOLO, G. **A Bíblia na História:** introdução geral à sagrada escritura. São Paulo: Paulus, 2021. 488 p.

CARROLL, L. **Alice Através do Espelho**. 1 ed. São Paulo: Darkside, 2021. 198 p.

COPLESTON, F. **Uma História da Filosofia, vol. 1:** Grécia, Roma e filosofia medieval. 1 ed. São Paulo: Vide Editorial, 2021. 1050 p.

KAISER, W. C. Jr; SILVA, M. **Introdução à Hermenêutica Bíblica:**

como ouvir a palavra de Deus apesar dos ruídos de nossa época. 3 ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2014. 288 p.

MARTINS, M. R. (Org.). **Lobato na Escola:** roteiro de leitura infantil e juvenil, livro I. São Paulo: Paulus, 2022. 197 p.

SAYERS, D. L. **A Mente do Criador**. 1 ed. São Paulo: É Realizações, 2015. 192 p.

SCHLEIERMACHER, F. D. E. **Hermenêutica:** a arte e técnica da interpretação. 10 ed. Petrópolis: Rio de Janeiro, 2015. 102 p.

TAYLOR, J. R. **Mecânica Clássica**. Porto Alegre: Bookman, 2013. 760 p.

WRIGHT. N. T. **O Novo Testamento e o Povo de Deus, vol. 1:** origens cristãs e a questão de Deus. 1 ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2022. 720 p.